

T TAKE MI

FORTISSIMO Nº 18 – 2016

T TSUROD

R RIGODU

22/09 PRESTO

23/09 VELOCE

ORQUESTRA
*f*ILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR

T TILLEU

X XRAVEL

Nossa!

22/09 PRESTO

23/09 VELOCE

ORQUESTRA
*f*ILARMÔNICA
de MINAS GERAIS
FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR



FOTO: EUGÊNIO SÁVIO

Caros amigos e amigas,

A música faz com que viajemos no tempo e no espaço da maneira mais simples possível. O concerto desta noite é um exemplo disso: do Japão de Toru Takemitsu, com sua original peça para violão, oboé d'amore e orquestra, que nos remete a um arco-íris de extremas experiências, ao cerne da música nacionalista espanhola que nos transporta a uma Espanha neocolonial. Tudo isso embalado pelo grande talento e competência de Fábio Zanon e seu violão.

Daí partimos para a França contemporânea de Henri Dutilleux e celebramos seu centenário com uma de suas primeiras obras. Ainda na França, revisitamos o hoje universal *Bolero* de Maurice Ravel.

Para que essa viagem sempre continue sem que precisemos sair de Belo Horizonte, é com grande prazer e orgulho que lançamos hoje nossa décima temporada, marcada pela presença de grandes artistas nacionais e internacionais e de um repertório rico, vasto e diversificado. Convido-os a explorarem nossa Temporada 2017 e embarcarem neste projeto único na música erudita mineira. Esperamos tê-los (novamente) como assinantes. Mas, seja como assinante, frequentador assíduo ou ocasional, incentivador de novas ideias, que vocês permaneçam, acima de tudo, amigos desta que é Nossa!

FABIO MECHETTI

Diretor Artístico e Regente Titular



FABIO MECHETTI

diretor artístico e regente titular

Desde 2008, Fabio Mechetti é Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, sendo responsável pela implementação de um dos projetos mais bem-sucedidos no cenário musical brasileiro. Com seu trabalho, Mechetti posicionou a orquestra mineira nos cenários nacional e internacional e conquistou vários prêmios. Com ela, realizou turnês pelo Uruguai e Argentina e gravações para o selo Naxos.

Natural de São Paulo, Fabio Mechetti serviu recentemente como Regente Principal da Orquestra Filarmônica da Malásia, tornando-se o primeiro regente brasileiro a ser titular de uma orquestra asiática. Depois de quatorze anos à frente da Orquestra Sinfônica de Jacksonville, Estados Unidos, atualmente é seu Regente Titular Emérito. Foi também Regente Titular da Sinfônica de Syracuse e da Sinfônica de Spokane. Desta última é, agora, Regente Emérito.

Foi regente associado de Mstislav Rostropovich na Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e com ela dirigiu concertos no Kennedy Center e no Capitólio norte-americano. Da Orquestra Sinfônica de San Diego, foi Regente Residente.

Fez sua estreia no Carnegie Hall de Nova York conduzindo a Orquestra Sinfônica de Nova Jersey e tem dirigido inúmeras orquestras norte-americanas, como as de Seattle, Buffalo, Utah, Rochester, Phoenix, Columbus, entre outras. É convidado frequente dos festivais

de verão nos Estados Unidos, entre eles os de Grant Park em Chicago e Chautauqua em Nova York.

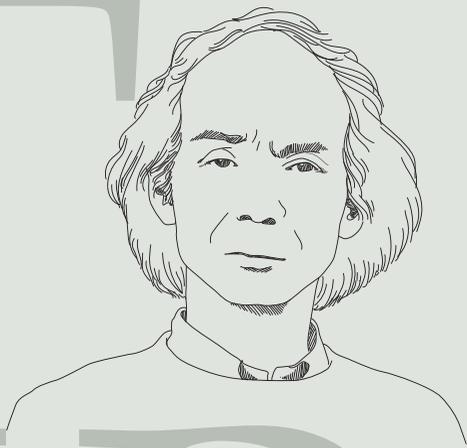
Realizou diversos concertos no México, Espanha e Venezuela. No Japão dirigiu as orquestras sinfônicas de Tóquio, Sapporo e Hiroshima. Regeu também a Orquestra Sinfônica da BBC da Escócia, a Orquestra da Rádio e TV Espanhola em Madri, a Filarmônica de Auckland, Nova Zelândia, e a Orquestra Sinfônica de Quebec, Canadá.

Vencedor do Concurso Internacional de Regência Nicolai Malko, na Dinamarca, Mechetti dirige regularmente na Escandinávia, particularmente a Orquestra da Rádio Dinamarquesa e a de Helsingborg, Suécia. Recentemente fez sua estreia na Finlândia, dirigindo a Filarmônica de Tampere, e na Itália, dirigindo a Orquestra Sinfônica de Roma. Em 2016 fará sua estreia com a Filarmônica de Odense, na Dinamarca.

No Brasil, foi convidado a dirigir a Sinfônica Brasileira, a Estadual de São Paulo, as orquestras de Porto Alegre e Brasília e as municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trabalhou com artistas como Alicia de Larrocha, Thomas Hampson, Frederica von Stade, Arnaldo Cohen, Nelson Freire, Emanuel Ax, Gil Shaham, Midori, Evelyn Glennie, Kathleen Battle, entre outros.

Igualmente aclamado como regente de ópera, estreou nos Estados Unidos dirigindo a Ópera de Washington. No seu repertório destacam-se produções de *Tosca*, *Turandot*, *Carmem*, *Don Giovanni*, *Così fan tutte*, *La Bohème*, *Madame Butterfly*, *O barbeiro de Sevilha*, *La Traviata* e *Otello*.

Fabio Mechetti recebeu títulos de mestrado em Regência e em Composição pela prestigiosa Juilliard School de Nova York.



100 ANOS



FABIO MECHETTI, *regente*

* **FÁBIO ZANON**, *violão*

* **ISRAEL MUNIZ**, *oboé d'amore*

PROGRAMA

Toru TAKEMITSU

* * *Vers, l'arc-en-ciel, Palma*

Joaquín RODRIGO

* *Fantasia para um fidalgo*

Villano y Ricercare

Españoleta y Fanfare de la caballería de Nápoles

Danza de las hachas

Canario

INTERVALO

Henri DUTILLEUX

Sinfonia n° 1

Passacaille

Scherzo molto vivace

Intermezzo

Finale, con variazioni

Maurice RAVEL

Bolero

FÁBIO ZANON

FOTO: VALÉRIA MENDONÇA



Uma das figuras dominantes no cenário internacional de violão clássico, como solista ou camerista, Fábio Zanon tem se apresentado por toda a Europa, América do Norte, América do Sul, Austrália e Oriente Médio. O músico é convidado regular de teatros como o Royal Festival Hall e Wigmore Hall em Londres, Carnegie Recital Hall em Nova York, Sala Verdi em Milão, Sala da Filarmônica de Varsóvia, Musikhalle em Hamburgo, Ateneo em Madri, KKR em Lucerna e todos os maiores teatros do Brasil.

Zanon iniciou seus estudos com o pai, um talentoso amador. Deve sua formação a Antônio Guedes, Henrique Pinto e Edelson Gloeden. Aos 21 anos já era detentor de vários prêmios nacionais e internacionais. Radicado em Londres, estudou com Michael Lewin na Real Academia de Música, onde também assistiu a *masterclasses* de Julian Bream e completou sua formação em regência, obtendo um mestrado pela Universidade de Londres.

Sua reputação internacional consolidou-se em 1996, ano em que venceu por unanimidade dois dos maiores concursos internacionais de violão – o 30º Concurso

Francisco Tarrega, na Espanha, e o 14º Concurso da Fundação Americana de Violão (GFA), nos Estados Unidos. A essas vitórias seguiu-se uma turnê de 56 concertos nos Estados Unidos e Canadá e o lançamento de seus primeiros CDs, com excelente repercussão crítica.

Seu extenso repertório inclui todas as maiores obras originais para violão, mais de trinta concertos para violão e orquestra, inúmeras transcrições e todo o repertório camerístico, além de dezenas de estreias de obras contemporâneas.

Sua gravação da obra completa de Villa-Lobos, pelo selo norte-americano Music Masters, é considerada uma referência. Ao escolher o CD *Guitar Recital*, gravado pelo selo Naxos, como o melhor de 1998, a revista *Gramophone* justificou: “Técnica fluente, grande beleza e variedade de som, resposta emocional finamente controlada, sensibilidade estilística”.

Fábio Zanon deu aulas em diversas instituições em todo o mundo e desde 2008 é professor visitante da Royal Academy of Music de Londres. Em 2013 assumiu a coordenação artística e pedagógica do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão.

Toru

TAKEMITSU

Japão, 1930 – 1996

VERS, L'ARC-EN-CIEL, PALMA (para violão, oboé d'amore e orquestra)
(1984) — 14 min

“Primeiro compositor japonês a escrever para uma audiência mundial e alcançar reconhecimento internacional”, segundo Seiji Ozawa, Toru Takemitsu nasceu em Tóquio a 8 de outubro de 1930. Seu aprendizado formal interrompeu-se com a mobilização em 1944, quando foi enviado a um abrigo subterrâneo, experiência “extremamente amarga”. O país substituíra a música ocidental por canções patrióticas, mas um jovem militar introduziu secretamente um toca-discos improvisado no abrigo. A canção *Parlez-moi d'amour*, composta em 1924 por Jean Lenoir após uma briga com Mistinguett e gravada em 1930 por Lucienne Boyer, deixou-o atônito: “de súbito percebi pela primeira vez a qualidade esplêndida da música ocidental”. A ideologia do período de ocupação norte-americana ofereceu-lhe ampla oportunidade para cultivar o gosto pela música moderna da Europa e dos Estados Unidos: Gershwin, Debussy, Mahler. Aos dezesseis anos, a escuta de uma irradiação do *Prelúdio, Coral e Fuga*, de César Frank, levou-o a decidir-se pela composição: “No Japão, a palavra e o som são inseparáveis. Mas aqui eu ouvia um instrumento que era executado sozinho e despertava em mim sentimentos surpreendentes. Pareceu-me um canto de paz, uma prece ou uma aspiração, depois de ter vivido tanto sofrimento”. Autodidata envolvido em atividades coletivas, o sucesso chegou-lhe em 1959, quando, em visita ao Oriente, Stravinsky ouviu-lhe o *Requiem para cordas*, de 1957, e convidou-o para almoçar.

Vers, l'arc-en-ciel, Palma, para violão, oboé d'amore e orquestra, foi encomendada pela Fundação Feeney para a Sinfônica Municipal de Birmingham, que a estreou sob a regência de Simon Rattle em 2 de outubro de 1984 no Town Hall de Birmingham, com John Williams ao violão e Peter Walden no oboé d'amore. A obra constitui uma das homenagens do compositor a Juan Miró: “Fiquei profundamente fascinado por esse artista – tão pouco sofisticado e afetado, quase sugestivo do clima catalão. *La filadora*, uma canção folclórica catalã

inserida na segunda metade da música, é minha resposta e meu preito de gratidão à ingenuidade inerente a Miró”. E ainda: “a peça é estruturada como um sonho” e os diferentes episódios, introduzidos pelo oboé d'amore, “abrem seu próprio caminho na escuridão rumo ao lusco-fusco matinal”.

Takemitsu encarna uma estética japonesa em sua recusa aos ritmos regulares, aos andamentos rápidos, às formas simétricas e aos blocos de som contrastados. Favorece fluxos lentos e orgânicos sugeridos pela meditação, pelo sonho, pela paisagem, pelo clima, pelos elementos e pelas estações. Uma de suas características é o *ma*, que geralmente se refere a intervalos no espaço ou no tempo, aqui entendido como o momento de mudança no qual dois mundos se encontram – por exemplo, quando o som se esvanece no silêncio. Esse intervalo não é um vazio, mas uma potência expressiva. Para Timothy Koozin, “é mais provável que se ouça o silêncio que surge ao fim dessa figura como resultado direto do evento sonoro precedente”. E “o momento de esperar pelo silêncio está imbuído de *ma*”.

INSTRUMENTAÇÃO

3 piccolos, 3 flautas, 3 oboés, corne inglês, requinta, 3 clarinetes, clarone, 3 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, percussão, celesta, 2 harpas, cordas.

PARA OUVIR

CD Takemitsu played by John Williams – To the edge of dream; Toward the sea; Vers, l'arc-en-ciel, Palma; Folios – London Sinfonietta – Esa-Pekka Salonen, regente – John Williams, violão – Gareth Hulse, oboe d'amore – Sony Classical SK 46720 – 1991

Orquestra Sinfônica do Chile – Laurent Petitgirard, regente – Luis Orlandini, violão – Jaime Gonzalez, oboé d'amore
Acesse: fil.mg/tverschile

PARA ASSISTIR

Novosibirsk Philharmonic Symphony – Fabio Mastrangelo, regente – Dmitri Illarionov, violão – Vladislav Gofman, oboé d'amore
Acesse: fil.mg/tversnovosibirsk

PARA LER

Toru Takemitsu – Confronting Silence: Selected Writings – The Scarecrow Press – 1995

CARLOS PALOMBINI Musicólogo, professor da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

Joaquín RODRIGO

Espanha, 1901 – 1999

FANTASIA PARA UM FIDALGO (1954) — 22 min

O nome de Joaquín Rodrigo é sempre associado à sua obra mais conhecida, o *Concierto de Aranjuez* para violão e orquestra, escrita em 1939 e dedicada ao violonista Regino Sainz de la Maza. A *Fantasia para un gentleman*, sua segunda obra para o instrumento, no gênero concertante, surgiu em 1954. O *gentilhombre* em questão seria mesmo o lendário violonista Andrés Segovia (1893-1987), a quem o autor dedicou a obra. A *Fantasia* foi estreada em 5 de março de 1958 em São Francisco, nos Estados Unidos, pelo próprio Segovia ao violão, acompanhado pela orquestra local, sob a direção do regente espanhol Enrique Jordá.

Em 1674, o guitarrista espanhol Gaspar Sáenz publicou um livro de *Instrucción de Música sobre la Guitarra Española* que contém, além de questões relativas ao encordoamento, à ornamentação e ao sistema de leitura do instrumento (a tablatura), numerosas peças em forma de canções e danças. Estas refletem fielmente o gosto musical e maneiras de sua época, sendo, na maior parte, curtas, simples e leves. Sua escrita expressava as mudanças que a linguagem musical estava sofrendo. Diferentemente da poesia, a música seguia dominada pelo impulso popular e, em consequência, segundo palavras de Joaquín Rodrigo, tinha se vulgarizado demais. O compositor ainda acrescentou: “À nobre graça das *pavanas* e *galhardas* sucederam os estilos mais leves de *marizapalos*, *villanos*, *españoletas*, *canarios*, e assim por diante, que eram mais apropriados à confusão do teatro popular que aos bailes do palácio”.

Sobre a composição da *Fantasia para um fidalgo*, Rodrigo informou que “todo o material temático, exceto certos breves episódios do último movimento, deriva – como em grande parte da contextura harmônica – da obra de Sáenz, que trabalhou para Felipe IV da Espanha e, mais especialmente, para seu filho, João da Áustria”.

O instrumento utilizado por Sáenz, a guitarra espanhola, era radicalmente diferente do violão atual, mas Joaquín Rodrigo, empregando um estilo neoclássico de composição, adaptou, nesta obra, algumas das peças do guitarrista seiscentista para o violão moderno, com a adição de uma orquestra reduzida (contendo somente um instrumento de sopro de cada naipe de madeiras, além de um trompete e cordas).

A *Fantasia para um fidalgo* inicia-se com *Villano* – dança monotemática cantada que utiliza a estrutura harmônica I-IV-I-V-I – e *Ricercare*, onde o compositor insere e desenvolve uma fuga inconclusa, empregada como exemplo didático no livro de Gaspar Sáenz. Na segunda parte, Rodrigo apresenta-nos a *Espanñoleta*, dança lenta em tempo ternário, interrompida por um curioso episódio que serve como parte central: a *Fanfare de la caballería de Nápoles*, evidentemente referindo-se à época em que esse reino estava em estreito contato com a Espanha. A *Danza de las hachas* (Dança das tochas) é uma dança campesina tradicional. Com sua animação rítmica, apresenta-se como um duelo entre o violão e a orquestra. A última parte, o *Canario*, é uma dança popular construída sobre a mesma sequência harmônica do *Villano*, provavelmente originária das Ilhas Canárias, e cheia de alegria.

INSTRUMENTAÇÃO

Piccolo, flauta, oboé, fagote, trompete, cordas.

PARA OUVIR

CD The legendary Andrés Segovia, volume 2 – *Fantasia para un gentleman* (Rodrigo); *Concierto del Sur* (Ponce); *Castles of Spain* (Torroba) – *Symphony of the Air* – Enrique Jordá, regente – MCA Records – 1987

CD Turibio Santos plays Rodrigo – *Concierto de Aranjuez*; *Fantasia para un gentleman*; *Tonadilla*; *Zapateado*; *Fandango* – Orchestre National de l’Opéra de Monte Carlo – Claudio Scimone, regente – Apex – 2001

PARA ASSISTIR

Orquesta Filarmonica de la UNAM – Manuel Goldof, regente – Pepe Romero, violão | Acesse: fil.mg/rfidalgo

PARA LER

Norton Duedeque – *História do Violão* – Editora da Universidade Federal do Paraná – 1994

Jean & Brigitte Massin – *História da Música Ocidental* – Editora Nova Fronteira – 1997

—
CELSON FARIAS Violonista, Especialista em Práticas Interpretativas – Música Brasileira – pela Escola de Música da UEMG e Mestre em Performance Musical pela Escola de Música da UFMG.

Henri DUTILLEUX

França, 1916 – 2013

SINFONIA Nº 1 (1951) — 31 min

Mistério do instante... A Árvore dos Sonhos... Os títulos de obras de Dutilleux parecem dizer muito mais de sua música que abordagens analíticas. Diga-se de passagem, o compositor quase sempre se mostrou refratário a falar da estruturação composicional de suas obras. Para ele, são essenciais a captura do momento, do tempo que corre de modo inexorável, a expressão das vicissitudes do mundo que o rodeia, o mergulho no universo onírico, o prazer do som, a expressão da magia e do encantamento... Referindo-se ao percurso de sua Primeira Sinfonia, Dutilleux observa que essa música “emerge do silêncio” e, após atingir um ponto culminante, de força e massa orquestral, “retorna ao silêncio”. De fato, podemos constatar que a concepção de percurso já se apresenta claramente delineada no movimento inicial. O ouvinte pode seguir os passos do tema da *Passacaille*, exposto pelas cordas graves, tema condutor de cada variação, em um longo caminho que, a todo momento, surpreende pelas invenções tímbricas, pelos contrastes de materiais que continuamente se renovam. No *Scherzo*, após a expectativa provocada por uma breve introdução, o movimento é dominado por um *perpetuum mobile*, no qual somos envolvidos pela trepidação rítmica e pela orquestração cheia de energia, brilho e de colorido. O *Intermezzo* valoriza o *cantabile* da orquestra, particularmente das cordas agudas, em uma textura de imagens complexas – há um primeiro plano, mas apenas como parte de uma rica perspectiva, onde cada timbre, cada fragmento melódico, cada detalhe conta. O *Finale*, em forma de variações, é uma consequência coerente com o princípio de não repetição que norteia a Primeira Sinfonia. O movimento se inicia com uma orquestração em *tutti*, um longo cortejo de acordes nos registros médio e agudo, dialogando com uma sequência de notas graves. Materiais temáticos, ao longo das variações, remetem à atmosfera do *cantabile*, à vivacidade rítmica do movimento em *scherzo*, como em uma espiral que jamais

retorna ao mesmo ponto, mas segue seu caminho, expandindo-se. Mas o *crescendo* rítmico-dinâmico atinge o limite a partir do qual a energia se dissipará e reconduzirá a obra, pausadamente, a uma atmosfera de sombras e de mistérios.

Ao revisitar a Sinfonia, Dutilleux o faz com um espírito renovador, não apenas pela forma como a inicia, mas também pela recusa ao bitematismo tão caro à produção sinfônica clássico-romântica e pelo evitamento sistemático de repetições de temas e de seções. É uma atitude de diálogo, que integra, mas que contém elementos de recusa e de renovação, como também ocorre com as vozes de compositores que Dutilleux deixa entrever em sua obra – Stravinsky, Ravel, Debussy, Bartók –, vozes às quais o compositor responde de modo único, que singulariza cada obra sua, concebida após longa e cuidada gestação.

Sinfonia nº 1... Título que não faz remissão ao enigma, à face poética, invisível, de uma peça que se integra naturalmente ao conjunto da produção de Dutilleux, como parte indissociável dessa árvore para a qual os sonhos e a imaginação constituem seivas vitais, alimentos para uma inspiração inesgotável.

INSTRUMENTAÇÃO

3 piccolos, 3 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, piano, celesta, harpa, cordas.

PARA OUVIR

CD Dutilleux – Symphony No. 1; Symphony No. 2 (Le Double) – BBC Philharmonic – Yan Pascal Tortelier, regente – Chandos – 1992

PARA ASSISTIR

Lahti Symphony Orchestra – Hannu Lintu, regente | [Acesse: fil.mg/dsinfl](https://fil.mg/dsinfl)

PARA LER

Henri Dutilleux – *Mystère et Mémoire des sons* – Entretiens avec Claude Gayman – Éditions Actes Sud – 1997

François-René Tranchefort – *Guia da música sinfônica* – Editora Nova Fronteira – 1990

OILIAM LANNA Compositor, professor da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

Maurice RAVEL

França, 1875 – 1937

BOLERO (1928) — 15 min

Quando Ravel compôs o *Bolero*, jamais imaginou que seu nome ficaria para sempre ligado a essa obra. Deve-se ter em mente que, para ele, o *Bolero* não passava de uma experiência. Nas suas palavras, tratava-se de “dezessete minutos de orquestra sem música”. Ao ser indagado pelo compositor Arthur Honegger a respeito de suas grandes composições, Ravel disse, com um leve toque de ironia: “em toda a minha vida eu compus apenas uma obra-prima, o *Bolero*. Mas, infelizmente, ele é vazio de música”.

O *Bolero* foi composto por encomenda da bailarina Ida Rubinstein, que desejava um balé de caráter espanhol para sua trupe. No início, eles haviam acordado que Ravel simplesmente orquestraria seis peças da suíte *Iberia*, do compositor espanhol Isaac Albéniz. Ravel, entusiasmado com a ideia, começara logo a trabalhar, quando seu amigo Joaquín Nin o advertiu de que havia um compromisso entre a viúva de Albéniz e o compositor Enrique Arbós, segundo o qual os números já orquestrados pelo próprio Arbós seriam transformados em balé pela bailarina Antonia Mercé. Ravel, inconformado, decidiu então aproveitar um tema que o perseguia havia tempos, como solução para o seu balé: uma melodia com caráter insistente que ele utilizaria repetidamente, sem desenvolvimento, variando gradualmente o colorido orquestral. Para completar o primeiro tema ele compôs um segundo. Muito mais que uma melodia individualizada, o segundo tema funciona como uma espécie de contratema, ou seja, uma melodia que se comporta como um complemento da melodia principal.

A organização da obra se dá da seguinte maneira: cada tema é introduzido por uma breve apresentação do acompanhamento instrumental. Tema e contratema são apresentados duas vezes, antes de se alternarem. Ou seja, cada seção constitui-se de duas apresentações

do tema e duas do contratema, precedidas pelas breves introduções instrumentais. Isso se dá quatro vezes sem modificações. Na quinta seção, cada tema é apresentado apenas uma vez. Antes da finalização do contratema, uma surpreendente modulação nos conduz ao final grandioso.

O *Bolero* foi estreado no dia 22 de novembro de 1928, no Teatro Nacional da Ópera, em Paris, pela Orquestra Straram e o corpo de bailarinos de Ida Rubinstein, com Walther Straram como regente, coreografia de Bronislava Nijinska e cenário de Alexandre Benois.

O escândalo que a obra causou em suas diversas apresentações estimulou o compositor a tentar executá-la sem o balé. A versão de concerto foi estreada por Ravel em janeiro de 1930. Hoje uma das obras mais executadas do repertório internacional, o *Bolero* pode parecer o resultado de uma composição bem calculada para causar impacto e ser bem-sucedida nas salas de concerto. Mas foi com extrema dificuldade que a obra ganhou as graças do público. Visto pelos olhos dos contemporâneos de Ravel, o *Bolero* foi uma cartada arriscada. Embora difícil de se prever seu futuro naquela época, o *Bolero* era considerado, por amigos do autor, como o ponto culminante das tendências místicas de Ravel. Os inimigos diziam que se tratava de música composta por um louco.

INSTRUMENTAÇÃO

2 piccolos, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, oboé d’amore, requinta, 2 clarinetes, clarone, saxofone soprano, saxofone soprano, saxofone tenor, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, celesta, harpa, cordas

PARA OUVIR

CD Maurice Ravel – Rapsodie espagnole; Alborada del gracioso; Don Quichotte à Dulcinée; Zigane; Pavane pour une infante défunte; Boléro – Ulster Orchestra – Yan Pascal Tortelier, regente – Chandos – 1993

PARA ASSISTIR

Münchener Philharmoniker – Sergiu Celibidache, regente | Acesse: fil.mg/rbolero

PARA LER

Deborah Mawer (ed.) – The Cambridge companion to Ravel – Cambridge University Press – 2000

Peter Kaminsky (ed.) – Unmasking Ravel: new perspectives on the music – University of Rochester Press – 2011

GUILHERME NASCIMENTO

Compositor, Doutor em Música pela Unicamp, professor na Escola de Música da UEMG, autor dos livros *Os sapatos floridos não voam* e *Música menor*.

AMIGOS FAZEM A DIFERENÇA

E A FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS
CONTA COM O SEU APOIO

Ao se tornar um Amigo da Filarmônica,
você ajuda a Orquestra a realizar sua
programação educacional. E ainda recebe
benefícios. Saiba mais e veja como é fácil doar.

WWW.FILARMONICA.ART.BR/AMIGOS-DA-FILARMONICA

TORNE-SE UM AMIGO DA FILARMÔNICA.



**O HAUS MÜNCHEN E A ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS
SE UNIRAM PARA HARMONIZAR AS SUAS NOITES**

O HAUS MÜNCHEN ESPERA VOCÊ APÓS O CONCERTO PARA SABOREAR
A MELHOR CARTA DE CERVEJAS DE BH E O MELHOR DA GASTRONOMIA ALEMÃ.

APRESENTANDO SEU INGRESSO NO DIA, VOCÊ PEDE UM PRATO
E GANHA OUTRO PARA SEU ACOMPANHANTE.*

*PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE CONDIÇÕES NO LOCAL.

ORQUESTRA
FILARMÔNICA
de MINAS GERAIS
FABIO MECCHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR





FOTO: RAFAEL MOTTA

Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

DIRETOR ARTÍSTICO E REGENTE TITULAR

Fabio Mechetti

REGENTE ASSOCIADO

Marcos Arakaki

PRIMEIROS VIOLINOS

Anthony Flint – *Spalla*
Rommel Fernandes –
Spalla Associado
Ara Harutyunyan –
Spalla Assistente
Ana Paula Schmidt
Ana Zivkovic
Arthur Vieira Terto
Bojana Pantovic
Dante Bertolino
Hyu-Kyung Jung
Joanna Bello
Roberta Arruda
Rodrigo Bustamante
Rodrigo M. Braga
Rodrigo de Oliveira

SEGUNDOS VIOLINOS

Frank Haemmer *
Leonidas Cáceres ***
Gideão Loamir
Jovana Trifunovic
Luka Milanovic
Martha de Moura Pacífico
Matheus Braga
Radmila Bocev
Rodolfo Toffolo
Tiago Ellwanger
Valentina Gostilovitch

VIOLAS

João Carlos Ferreira *
Roberto Papi ***
Flávia Motta
Gerry Varona
Gilberto Paganini
Juan Díaz
Katarzyna Druzd
Luciano Gatelli
Marcelo Nébias
Nathan Medina

VIOLONCELOS

Philip Hansen *
Felix Drake ***
Camila Pacífico
Camilla Ribeiro
Eduardo Swerts
Emilia Neves
Lina Radovanovic
Robson Fonseca
William Neres

CONTRABAIXOS

Nilson Bellotto *
Marcelo Cunha
Marcos Lemes
Pablo Guiñez
Rossini Parucci
Walace Mariano

FLAUTAS

Cássia Lima *
Renata Xavier ***
Alexandre Braga
Elena Suchkova

OBOÉS

Alexandre Barros *
Israel Muniz
Moisés Pena

CLARINETES

Marcus Julius Lander *
Jonatas Bueno ***
Ney Franco
Alexandre Silva

FAGOTES

Catherine Carignan *
Victor Morais ***
Andrew Huntriss
Francisco Silva

SAXOFONES

Robson Saquett *****
Paulo Rosa *****

TROMPAS

Alma Maria Liebrecht *
Evgueni Gerassimov ***
Gustavo Garcia Trindade
José Francisco dos Santos
Lucas Filho
Fabio Ogata

TROMPETES

Marlon Humphreys *
Érico Fonseca **
Daniel Leal ***
Tássio Furtado

TROMBONES

Mark John Mulley *
Diego Ribeiro **
Wagner Mayer ***
Renato Lisboa

TUBA

Eleilton Cruz *

TÍMPANOS

Patricio Hernández
Pradenas *

PERCUSSÃO

Rafael Alberto *
Daniel Lemos ***
Sérgio Aluotto
Werner Silveira

HARPAS

Diana Todorova *****
Marcelo Penido *****

TECLADOS

Ayumi Shigeta *

GERENTE

Jussan Fernandes

INSPETORA

Karolina Lima

ASSISTENTE

ADMINISTRATIVA
Débora Vieira

ARQUIVISTA

Ana Lúcia Kobayashi

ASSISTENTES

Claudio Starlino
Jônatas Reis

**SUPERVISOR DE
MONTAGEM**

Rodrigo Castro

MONTADORES

André Barbosa
Hélio Sardinha
Jeferson Silva
Klênio Carvalho
Risbleiz Aguiar

**TAKEMITSU e
RODRIGO**

Editor original:

Schott music

Representante exclusivo:

Barry Editorial

DUTILLEUX

Editor original:

Edition Durand-

Salabert-Eschig

Representante: Melos

Ediciones Musicales

**GOVERNADOR DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

Fernando Damata Pimentel

**VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

Antônio Andrade

**SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
DE MINAS GERAIS**

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

**SECRETÁRIO ADJUNTO DE ESTADO
DE CULTURA DE MINAS GERAIS**

João Batista Miguel

Instituto Cultural Filarmônica

(Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – Lei 14.870 / Dez 2003)

*Conselho
Administrativo*

PRESIDENTE EMÉRITO

Jacques Schwartzman

PRESIDENTE

Roberto Mário Soares

CONSELHEIROS

Angela Gutierrez
Berenice Menegale
Bruno Volpini
Celina Szrvinsk
Fernando de Almeida
Ítalo Gaetani
Marco Antônio Pepino
Mauricio Freire
Mauro Borges
Octávio Elísio
Paulo Brant
Sérgio Pena

*Diretoria
Executiva*

DIRETOR PRESIDENTE

Diomar Silveira

**DIRETOR
ADMINISTRATIVO-
FINANCEIRO**

Estêvão Fiuza

**DIRETORA DE
COMUNICAÇÃO**

Jacqueline Guimarães
Ferreira

**DIRETORA DE
MARKETING E PROJETOS**

Zilka Caribé

**DIRETOR DE
OPERAÇÕES**

Ivar Siewers

**DIRETOR DE
PRODUÇÃO MUSICAL**

Kiko Ferreira

Equipe Técnica

**GERENTE DE
COMUNICAÇÃO**

Merrina Godinho Delgado

**GERENTE DE
PRODUÇÃO MUSICAL**

Claudia da Silva
Guimarães

**ASSESSORA DE
PROGRAMAÇÃO
MUSICAL**

Gabriela Souza

PRODUTORES

Luis Otávio Rezende
Narren Felipe

**ANALISTAS DE
COMUNICAÇÃO**

Marciana Toledo
(Publicidade)
Mariana Garcia
(Multimídia)
Renata Gibson
Renata Romeiro
(Design gráfico)

**ANALISTA DE
MARKETING DE
RELACIONAMENTO**

Mônica Moreira

**ANALISTAS DE
MARKETING E
PROJETOS**

Itamara Kelly
Mariana Theodorica

**ASSISTENTE DE
MARKETING DE
RELACIONAMENTO**

Eularino Pereira

**ASSISTENTE DE
PRODUÇÃO**

Rildo Lopez

*Equipe
Administrativa*

**GERENTE
ADMINISTRATIVO-
FINANCEIRA**

Ana Lúcia Carvalho

**GERENTE DE
RECURSOS HUMANOS**

Quézia Macedo Silva

**ANALISTAS
ADMINISTRATIVOS**

João Paulo de Oliveira
Paulo Baraldi

ANALISTA CONTÁBIL

Graziela Coelho

SECRETÁRIA EXECUTIVA

Flaviana Mendes

**ASSISTENTE
ADMINISTRATIVA**

Cristiane Reis

**ASSISTENTE DE
RECURSOS HUMANOS**

Vivian Figueiredo

RECEPCIONISTA

Lizonete Prates Siqueira

**AUXILIAR
ADMINISTRATIVO**

Pedro Almeida

**AUXILIAR DE
SERVIÇOS GERAIS**

Ailda Conceição

MENSAJEIROS

Bruno Rodrigues
Douglas Conrado

MENOR APRENDIZ

Mirian Cibelle

*Sala Minas
Gerais*

**GERENTE DE
INFRAESTRUTURA**

Renato Bretas

**GERENTE DE
OPERAÇÕES**

Jorge Correia

**TÉCNICO DE ÁUDIO E
ILUMINAÇÃO**

Mauro Rodrigues

**TÉCNICO DE
ILUMINAÇÃO E ÁUDIO**

Rafael Franca

**ASSISTENTE
OPERACIONAL**

Rodrigo Brandão

FORTISSIMO

setembro
nº 18 / 2016
ISSN 2357-7258

EDITORIA Merrina
Godinho Delgado

EDIÇÃO DE TEXTO
Berenice Menegale

FILARMÔNICA ONLINE

www.filarmonica.art.br

VISITE A CASA VIRTUAL DA NOSSA ORQUESTRA

A TEMPORADA 2017 ESTÁ AÍ

CONFIRA AS DATAS E GARANTA SUA ASSINATURA.

Renovação – De 22/09 a 15/10

Troca – De 18/10 a 05/11

Novas assinaturas –

De 08/11/2016 a 28/01/2017

COMO ASSINAR

Pela internet

filarmonica.art.br/assinaturas

Na bilheteria da Sala Minas Gerais

De terça a sexta, das 12h às 21h

Sábado, das 12h às 18h

CONCERTOS *out*

1º / out, 18h

Mozart – Música incidental

FORA
DE SÉRIE

6 e 7 / out, 20h30

Bernstein, Brahms, Revueltas

PRESTO
VELOCE

16 / out, 11h

Formas livres – Adams, Rimsky-Korsakov, Liszt, Ravel, Rossini, Bizet

JUVENTUDE

20 e 21 / out, 20h30

Turina, Albéniz, Schubert

ALLEGRO
VIVACE

24 e 25 / out

Rimsky-Korsakov, Liszt, Rossini, Bizet

DIDÁTICOS

29 / out, 18h

Mozart – Na corte

FORA
DE SÉRIE

Veja detalhes em filarmonica.art.br/concertos/agenda-de-concertos.

CONHEÇA AS APRESENTAÇÕES DA FILARMÔNICA

- Séries de assinatura: Allegro, Vivace, Presto, Veloce, Fora de Série
- Concertos para a Juventude
- Clássicos na Praça
- Concertos Didáticos
- Festival Tinta Fresca
- Laboratório de Regência
- Turnês estaduais
- Turnês nacionais e internacionais
- Concertos de Câmara

Visite filarmonica.art.br/filarmonica/sobre-a-filarmonica e conheça cada uma delas.

PARA APRECIAR UM CONCERTO

CONCERTOS COMENTADOS

Agora você pode assistir a palestras sobre temas dos concertos das séries Allegro, Vivace, Presto e Veloce. Elas acontecem na Sala de Recepções, à esquerda do foyer principal, das 19h30 às 20h, para as primeiras 65 pessoas a chegar.

CUMPRIMENTOS

Após o concerto, caso queira cumprimentar os músicos e convidados, dirija-se à Sala de Recepções.

ESTACIONAMENTO

Para seu conforto e segurança, a Sala Minas Gerais possui estacionamento, e seu ingresso dá direito ao preço especial de R\$ 15 para o período do concerto.

PONTUALIDADE

Uma vez iniciado um concerto, qualquer movimentação perturba a execução da obra. Seja pontual e respeite o fechamento das portas após o terceiro sinal. Se tiver que trocar de lugar ou sair antes do final da apresentação, aguarde o término de uma peça.

APARELHOS CELULARES

Confira e não se esqueça, por favor, de desligar o seu celular ou qualquer outro aparelho sonoro.

FOTOS E GRAVAÇÕES EM ÁUDIO E VÍDEO

Não são permitidas durante os concertos.

APLAUSOS

Aplauda apenas no final das obras. Veja no programa o número de movimentos de cada uma e fique de olho na atitude e gestos do regente.

O PROGRAMA DE CONCERTOS

O *Fortissimo* é uma publicação indexada aos sistemas nacionais e internacionais de catalogação. Elaborado com a participação de especialistas, ele oferece uma oportunidade a mais para se conhecer música. Desfrute da leitura e estudo. Mas, caso não precise dele após o concerto, por favor, devolva-o nas caixas receptoras para que possamos reaproveitá-lo.

O *Fortissimo* também está disponível no formato digital em nosso site www.filarmonica.art.br.

CONVERSA

A experiência do concerto inclui o encontro com outras pessoas. Aproveite essa troca antes da apresentação e no seu intervalo, mas nunca converse ou faça comentários durante a execução das obras. Lembre-se de que o silêncio é o espaço da música.

CRIANÇAS

Caso esteja acompanhado por criança, escolha assentos próximos aos corredores. Assim, você consegue sair rapidamente se ela se sentir desconfortável.

COMIDAS E BEBIDAS

Seu consumo não é permitido no interior da sala de concertos.

TOSSE

Perturba a concentração dos músicos e da plateia. Tente controlá-la com a ajuda de um lenço ou pastilha.

Para que sua noite seja ainda mais especial, nos dias de concerto, apresente seu ingresso no restaurante Haus München e, na compra de um prato principal, ganhe outro de igual ou menor valor.

Rua Juiz de Fora, 1.257, pertinho da Sala Minas Gerais.





MANTENEDOR

SECRETARIA DE
CULTURA

PATROCÍNIO MÁSTER



APOIO INSTITUCIONAL

REDE MINAS

SECRETARIA DE
CULTURA

DIVULGAÇÃO

REALIZAÇÃO

f INSTITUTO CULTURAL
FILARMÔNICASECRETARIA DE
CULTURAMINISTÉRIO
DA CULTURA

SALA MINAS GERAIS

Rua Tenente Brito Melo, 1.090 | Barro Preto | CEP 30.180-070 | Belo Horizonte - MG
(31) 3219.9000 | Fax (31) 3219.9030

WWW.FILARMONICA.ART.BR



/filarmonicamg



/filarmonicamg



@filarmonicamg



/filarmonicamg